

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO – UNIBRA
CURSO DE GRADUAÇÃO ADMINISTRAÇÃO

ANA PAULA DOS SANTOS FERREIRA
JOSÉ RINALDO PERÔNICO DE ANDRADE FILHO
TEREZA CRISTINA LOPES

O IMPACTO DA PANDEMIA NA EXPORTAÇÃO

RECIFE 2022

**ANA PAULA DOS SANTOS FERREIRA
JOSÉ RINALDO PERÔNICO DE ANDRADE FILHO
TEREZA CRISTINA LOPES**

O IMPACTO DA PANDEMIA NA EXPORTAÇÃO

**Artigo apresentado ao Centro Universitário
Brasileiro - UNIBRA, como requisito parcial
para obtenção do título de Bacharel em
Administração.
Professor(a) Orientador(a): Me. Brian Victor Lima
da Silva.**

RECIFE 2022

Ficha catalográfica elaborada pela
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 1745.

F383i Ferreira, Ana Paula dos Santos
O impacto da pandemia na exportação / Ana Paula dos Santos Ferreira,
José Rinaldo Perônico de Andrade Filho, Tereza Cristina Lopes. Recife: O
Autor, 2022.

27 p.

Orientador(a): Me. Brian Victor Lima da Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário
Brasileiro – UNIBRA. Bacharelado em Administração, 2022.

Inclui Referências.

1. Pandemia. 2. Covid-19. 3. Exportação. 4. Importação. 5. Brasil. 6.
China. I. Andrade Filho, José Rinaldo Perônico de. II. Lopes, Tereza
Cristina. III. Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA. III. Título.

CDU: 658

Dedicamos esse trabalho a nossa família, pela ajuda e incentivo, para que tudo se tornasse possível.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, primeiramente, a Deus.

Segundo às nossas famílias que nos apoiaram. Agradecemos também à alguns de nossos professores que nos ajudaram e nos deram suporte de alguma forma.

Por fim, agradecemos a todos que, direta ou indiretamente, nos apoiaram nessa jornada.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	08
2. DELINEAMENTO METODOLÓGICO	09
3. IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO.....	10
3.1 Exportação no Brasil.....	11
3.2. A Importância da Exportação para o Brasil.....	12
3.3 Brasil e suas Parcerias Comerciais	13
4. AS MUDANÇAS CAUSADAS PELA PANDEMIA.....	16
4.1 Impacto causado na Economia Nacional.....	16
4.2 Resultado dos Índices Comerciais.....	18
5. DISCUSSÃO.....	19
5.1O Cenário da Expostação para a China.....	21
5.2 O Futuro Econômico do País.....	21
5.3A Alternativa para o Comércio Exterior Brasileiro.....	22
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
7. REFERÊNCIAS	25

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo de estudo, o impacto causado pelo COVID-19 dentro do ambiente de exportação brasileira, revisando os conceitos de importação e exportação, onde será levado em consideração, o seu cenário atual. Apresentando suas principais parcerias comerciais e demonstrando as mudanças dentro da área abrangente relacionada, trazendo exemplos de exportações que contribuam no embasamento teórico do projeto.

Palavras-chave: Pandemia, COVID-19, Exportação, Importação, Brasil, China.

Abstract

The present work aims to study the impact caused by COVID-19 within the Brazilian export environment, reviewing the concepts of import and export, where its current scenario will be taken into account. Presenting its main commercial partnerships and demonstrating the changes within the related broad area, bringing examples of exports that contribute to the theoretical foundation of the project.

Keywords: Pandemic, COVID-19, Export, Import, Brazil, China.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como intuito demonstrar o alcance causado pelo Coronavírus (SARS – COV2) na exportação brasileira.

Já passados dois anos desde a sua origem, o Coronavírus é uma doença surgida na China ao final de 2019, que se espalhou pelo mundo de forma rápida, onde, ao ser declarado em março de 2020 como uma pandemia, o mundo inteiro se viu obrigado a tomar medidas cabíveis para conseguir diminuir a propagação do mesmo por todo território existente, conseqüentemente, diminuindo as atividades em áreas como o de exportação e aumentando suas burocracias para a importação de produtos. No decorrer desta infestação, empresas tiveram que adaptar-se ao novo cenário em que se depararam, ao mesmo tempo, em que alguns segmentos aumentaram tanto suas produções quanto as vendas, entretanto, em outro lado muitas empresas foram forçadas a diminuir gastos, como a diminuição do quadro de funcionários, até chegar o momento e que foram obrigadas a encerrar suas atividades.

Seguindo essa linha de contexto organizacional, de acordo com SOUZA (2003), o comércio exterior é a venda e compra de bens e serviços, através de suas fronteiras internacionais ou territoriais de acordo com ambas as suas legislações que, por sua vez negociadas, são conectadas por uma importação que é a entrada de um produto ou serviço de um país internacional, conectada a uma exportação que seria a saída deste mesmo produto ou serviço de seu país de origem por meio de uma venda realizada pelo próprio. No Brasil, a área de exportação é primordial para o desenvolvimento socioeconômico nacional. Portanto, ao crescente caso em que se agravou devido a pandemia, o governo brasileiro teve de intervir utilizando a Lei 13.979/2020 regulamentada pelos Decretos 10.282/2020 e 10.288/2020, que por sua vez, delimitando o distanciamento social obrigatório, ao mesmo tempo em que confina a população, conseqüentemente reduzindo a circulação das pessoas nas ruas, impactando as empresas.

Ao desenvolver o projeto, todo material utilizado no decorrer do processo terá como base artigos, autores e sites, abordando os impactos que esta doença causou na exportação brasileira entre o período de sua origem até os dias atuais, expondo as conseqüências quanto aos índices de declínio e crescimento, enfatizando sua atual

relação com a China, que foi um dos primeiros países a ter o contato com a doença, suspendendo suas atividades de importação.

Nesse trabalho utilizamos autores e sites governamentais como material base para pesquisar, não só com o objetivo único de falar sobre a exportação na Pandemia e sobre suas relações com outros países, mas também como mostrar o início e a definição da exportação e importação de modo que fique de fácil entendimento de seus trâmites, consequências e resoluções ao longo do balanço da economia mundial afetada diante da Pandemia.

Deste modo, o presente trabalho tem como intuito de apresentar o impacto causado pelo COVID-19 ao setor comercial, demonstrando os pontos afetados no ambiente de exportação brasileira, revisando e apresentando os conceitos de importação e exportação, ressaltando a importância dos mesmos para o Brasil em decorrência das alterações ocorridas ao longo dos anos em que se foi atingido pela doença, apresentando suas parcerias comerciais e influências, demonstrando as mudanças que aconteceram antes e durante a pandemia dentro desta área, levando em consideração toda a trajetória do comércio de importação e exportação até o seu cenário atual brasileiro, expondo os casos, em que justifica a presente situação que o Brasil se apresenta.

2. DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Este artigo foi construído com base em pesquisa bibliográfica, artigos, livros de autores que abordaram esse tema, e sites governamentais brasileiros. Seguindo em direção a uma abordagem tanto quantitativa, quanto qualitativa, visto que utilizaremos dados numéricos, com corroboração de exemplos.

Segundo SANTOS (2004), a pesquisa bibliográfica baseia-se em fontes bibliográficas, os livros (de leitura corrente ou de referência, tais como dicionário, enciclopédias, anuários etc.), as publicações periódicas (jornais, revistas, panfletos etc.), fitas gravadas de áudio e vídeo, websites, relatórios de simpósios/seminários, canais de congressos etc. A utilização total ou parcial de quaisquer dessas fontes, caracteriza a pesquisa como pesquisa bibliográfica.

Além da pesquisa bibliográfica, utilizamos as pesquisas quantitativa e qualitativa, visando a utilização das ferramentas estratégicas para análise dos resultados dos estudos.

Citando SAMPIERI, COLLADO E BAPTISTA LÚCIO (2013), o enfoque quantitativo da pesquisa científica se caracteriza pela utilização de ferramenta estatística na análise dos resultados do estudo, a abordagem é sequencial e comprobatória. Os autores argumentam que cada etapa do processo segue uma rigorosa, no entanto, cabível de redefinição de algumas fases. A ideia base é que a pesquisa quantitativa parte de um ideal, que vai sendo delimitado e, uma vez definido, são extraídos os objetivos e questionamentos da pesquisa, partindo-se para a revisão de literatura, que auxilia na construção do marco teórico. Das perguntas surgidas a partir da revisão literária, extraem-se hipóteses e variáveis que serão objeto de análise por meio de testes estatísticos que finalmente são estabelecidas uma série de conclusões em relação às hipóteses.

3. IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

Quando nos deparamos com o termo Comércio Exterior, é normal que venha à mente as palavras Importação e Exportação, isso porque é algo tão marcante e presente que se torna fácil de associar melhor ao tema a ser discutido. A importação define-se como compras internacionais a serem realizadas por um país, podendo ser desde pessoas jurídicas de direito público ou privado até pessoas físicas. Já em relação a exportação, é um meio de um país aumentar sua economia vendendo bens e serviços nos mercados internacionais (SEGALIS et al. 2012, P. 13), em virtude disto pode-se entender que por meio da exportação um país consegue desenvolver seus índices econômicos, porém tendo em vista que são atividades comerciais diferentes, também afirmado que:

Podemos supor que existem semelhanças entre aspectos comerciais de uma importação e uma exportação, porém não se pode realizar a mesma afirmação para o processo operacional da importação, pois nessas operações a quantidade de normas que o importador deve atender é superior ao número de normas a serem atendidas pelo exportador. (SEGALIS, 2012, p. 16)

Visto que a semelhança entre ambas as atividades não quer dizer necessariamente que as normas, ao que tange a legislação, quanto a entrada saída de bens e serviços em cada país pode ter suas diferenças, entretanto, é considerável que o importador tende a atender uma quantidade maior de normas, e que, sempre que houver um serviço semelhante ao de exportação deve-se sempre consultar as normas administrativas, visando evitar atrasos no processo e dissabores.

Ao relacionar a exportação de bens, SEGALIS (2012) afirma que as empresas devem entender que, para as vendas internacionais, os princípios utilizados vão ser os mesmos que os nacionais, entretanto, há uma complexidade devida à distância entre o fornecedor e o consumidor final correndo o risco de ocasionais erros gerando o fracasso da ação e, conseqüentemente, frustrando ambas as partes.

Em exportação, na visão de SEGALIS (2012), há duas formas de exportações sendo ela direta e indireta. Na sua forma direta, a empresa não sofrerá por intervenção

do mercado interno, há a produção e exportação de forma simultânea. Já em sua forma indireta, os produtos produzidos não são exportados diretamente e sim vendidos ao mercado interno onde há, de certo modo, uma terceirização no processo até que de fato haja a exportação do produto.

Diante disto, vale ressaltar que para SEGALIS (2012), no que se refere a bens tangíveis, há uma divisão entre dois grupos de extrema importância que seriam: normais e atípicos. No primeiro grupo, o fornecedor receberá seu pagamento de forma antecipada, à vista ou a prazo e, ao mesmo tempo, que a situação de entrega seja ela enviada ou a enviar. Essa operação também pode ser conhecida como exportação definitiva.

No segundo grupo, diz respeito que o produto enviado no ato de despacho ou saída do país, há a informação de que o produto pode ser devolvido, como exemplo pode-se citar produtos enviados para manutenção ou devido ao endereço do destinatário incorreto. Também pode ser conhecido como exportações não definitivas ou temporárias.

3.1 Exportação no Brasil

A exportação surgiu diante da necessidade de os países terem produtos que em seu ambiente não produz, ou não tem recursos para produzir, e por consequênciadisso, tem a necessidade de procurar em outros lugares, quando não tem capacidade de produção de determinado item, seja por escassez de produtos e/ou ferramentas, seja pelo clima, ou por falta de capital de investimento.

Já a visão de vender para outro país é a forma que se tem de aumentar a economia tanto externa quanto interna, vendendo bens e serviços que possui em abundância, segundo SEGALIS (2012), para atingir esse objetivo “as empresas nacionais devem desenvolver uma estratégia que possibilite fornecer o produto adequado, no local certo, no momento exato da necessidade do comprador, com o preço correto e obtendo, em troca, o pagamento combinado”.

Voltando um pouco no tempo, para entender a evolução do Brasil nesse mercado, iremos chegar a meados de 1800, onde foi o início da exportação brasileira, com a chegada da Corte Real. Quando começou, exportavam produtos primários como café, açúcar, algodão e borracha.

Em 1930, preponderou no mundo uma grande crise econômica, forçando os países a elaborar políticas externas, o governo Vargas durante seus mandatos “1930-1945 e 1951-1954”, começou a criar políticas e até mesmo instituições, para serem utilizadas como instrumentos pelo Estado.

De acordo com CERVO (2003), a ideologia desenvolvimentista impactou fortemente o Brasil, e a principal discussão que se seguiu entre 1930 até 1989, foi saber qual modelo seria aplicado no País. Defende a tese de que:

O desenvolvimento associado às forças externas do capitalismo, de estreitos vínculos políticos, geopolíticos e econômicos com a matriz do sistema, os Estados Unidos, tido por recomendável por Eurico Gaspar Dutra (1946-1951), Castelo Branco (1964-1967), Fernando Collor de Melo (1990-1992) e Fernando Henrique Cardoso (1995-2002). O desenvolvimento autônomo, tocado essencialmente pelas forças da nação, criador de autonomia política e de forte núcleo econômico, tido por recomendável por Getúlio Vargas, João Goulart e Ernesto Geisel. Essas duas estratégias, na verdade, não abriram guerra entre si [...] (CERVO, 2003, p. 13).

E seguiu-se assim até a década de 1960, onde nessa época o principal produto era o café, responsável por 70% da exportação brasileira. Já no fim do século XX e início do XXI, o Brasil implementou a abertura comercial com redução de tarifas de importação. Além disso, o país também reformulou seus incentivos às exportações.

Em paralelo, o Brasil foi desenvolvendo e expandindo suas relações com outros países em que, posteriormente, foi criado o Mercosul (Mercado Comum do Sul), que estimula o comércio entre países Sul-Americanos. Também foi criada a OMC (Organização Mundial do Comércio) com a função principal de articular um desenvolvimento sustentável, e garantir as necessidades dos países em crescimento. Por fim, outro grupo que desenvolveu a influência entre suas relações comerciais foi à participação e colaboração no desenvolvimento do BRICS, sigla que representa as iniciais de cada país participante (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), onde é a união de países considerados subdesenvolvidos, fator que agregou para o protagonismo brasileiro dentro desta parceria, intensificando cada vez mais as exportações para os países participantes.

3.2 A Importância da Exportação para o Brasil

Segundo LOPEZ E GAMA (2017), a Exportação é um importante método empresarial na globalização dos mercados, é uma escolha que não só garante o acesso da empresa ao mercado internacional, como melhorar as interações produtivas, permitindo assim um aumento de ganhos de escala, aumento da produção, novos produtos a serem ofertado, incorporação de tecnologia e um dos grandes ganhos é o fortalecimento da marca ou imagem da empresa de uma forma internacional.

Outro fator importante da exportação é que nenhum país consegue ser totalmente independente, onde eles necessitam não só de mão de obra, mas também de alimentos, cereais, minérios entre outros, onde também podem ser conhecidos como *commodities*. De acordo com ROBERT KEOHANE E JOSEPH NYE (1897), havia a Teoria da Interdependência Complexa, onde existia uma integração dos países, para que a expansão fosse além de suas fronteiras, percebesse a dependência dos países uns pelos outros, considerando assim o sistema internacional descentralizado, favorecendo privatizações e obtendo comércio de forma livre, desse modo pode-se concluir que os estados são os principais atores, porém não os únicos nas Relações Internacionais, onde além de defender a formação dos estados, por meio das organizações internacionais governamentais e não governamentais, regimes internacionais, convenções e entre outros, compreendendo que nenhum estado consegue ser independente por completo.

Seguindo essa ideologia, pode-se concluir que nenhum país é autossuficiente para produzir e desenvolver-se sozinho, logo há a dependência de uma conexão com outros países em regiões diversificadas para conseguir manter-se, conseqüentemente, ocasionando parcerias comerciais com foco principal em produtos e serviços de maior necessidade para suprir as demandas populacionais, obtendo fins lucrativos.

Dessa forma, o Brasil trata-se de um País que exporta grande quantidade de itens classificados como matéria-prima, como café, soja, carnes bovina e de aves, frutas, minério de ferro etc., itens que são campeões em exportação principalmente para a China, Estados Unidos, Japão, Argentina, Chile, entres outros. O Brasil é um país diversificado em termos econômicos, o comércio exterior traz uma alavanca para o desenvolvimento socioeconômico do país, impulsionando assim, o crescimento do PIB (Produto Interno Bruto).

3.3 Brasil e suas Parcerias Comerciais

É natural que, quando se deparado com o termo América do Sul, o Brasil seja um dos primeiros países a ser pensado ou comentado, isso por sua relevância em ser um dos maiores territórios mundiais, sua biodiversidade abundante, vasto volume populacional, onde automaticamente desenvolve um grande efeito ao que tange a trabalho e volume de consumo, sua riqueza tanto material como cultural etc. De acordo com PREVIDELLI (2020), o Brasil é protagonista e objeto de análise a ser obrigatório ao que se refere a projeção e descrição do cenário mundial, onde, por mais passivos que sejam seus elementos na elaboração dos panoramas, o que infere o peso de maior país da América do Sul, sendo uma posição central a preocupação dos analistas.

Inclusive, no início do século XXI, o Brasil, na época, iniciava seu período governado pelo Partido dos Trabalhadores (PT), em que o mesmo governou o país por mais de uma década, sendo sua primeira fase iniciada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) em seguida pela Dilma Rousseff (2011-2016), onde não só projetaram como também desenvolveram o plano de ação que viria a seguir nos próximos anos, articulando de sua influência e diplomacia como forma de integração regional do cone sul americano em projetos de desenvolvimento, onde estreitou relações com um polo emergente, a China.

No eixo dessas políticas, o mesmo se tornaria um membro líder do MERCOSUL, principal parceiro comercial da China na América Meridional e membro de um grupo de países emergentes, o BRICS.

PREVIDELLI (2020), afirma que o Brasil quase atingiu o posto de se tornar uma liderança efetiva aos países emergentes na comunidade internacional, onde até 2015 construiu esta imagem gradativamente, oferecendo uma proposta de prosperidade com inclusão social e econômica.

Atualmente, o Brasil exporta seus produtos principalmente para dois países, sendo eles Estados Unidos da América (EUA) e China. Onde, o primeiro é o líder mundial da economia e o segundo, visto como pretendente a assumir esta posição, pelo menos, nos próximos dez anos. Segundo LOURENÇO (2019, p. 3), os últimos vinte anos da economia, as exportações brasileiras à China subiram de 1,5% para 26,8% do total e, aos EUA, de 19%, e chegaram a atingir um pico de 25,4% em 2002, reduzindo-se progressivamente à casa dos 12% no ano de 2014. Desta maneira, conclui-se que esses resultados podem fortalecer que a relação BRASIL-CHINA, e caracteriza-se como simbiótica, sendo ambos proponentes naturais a fortalecer nas ambições de crescimento mútuo e progresso social, segundo ARBACHE (2011 apud Lourenço, 2019).

Realmente, essa parceria BRASIL-CHINA teve um grande crescimento ao passar dos anos, onde se obteve pela grande demanda dos chineses por commodities* brasileiras, posto que o Brasil demandava por bens de consumo intermediários e de capital oriundos da China, segundo LOURENÇO (2019). Porém, foi notada uma baixa na diversificação das exportações para a China na última década, ainda que o Brasil não tenha diminuído seu volume de importações no decorrer do tempo também, em vista disso, LOURENÇO (2019), também diz que com essa redução dessas diversidades nas exportações para a China, o Brasil se viu dependente da mesma, tendo em vista que, o resultado de sua relação é de quase um quarto do superávit comercial brasileiro.

Além disso, LOURENÇO (2019), afirma que, como forma de reduzir essa dependência econômica, o Brasil pode recorrer de se reaproximar com a maior potência econômica do mundo, os Estados Unidos da América, porém, há outras formas e rotas que podem ser aproveitadas, com o intuito de aumentar o fluxo de suas relações com outros países, reforçando suas estratégias e diversificando as importações, conseqüentemente, resguardando-se de uma possível instabilidade econômica.

Como exemplo de sua teoria, LOURENÇO (2019), cita que há a possibilidade de explorar as relações com os países do grupo BRICS, onde mesmo o mercado chinês sendo o mais importante do bloco, há possíveis otimizações ao que tange às relações comerciais com os outros membros.

Tendo esse ponto em vista em 2016, o Brasil mudou sua gestão, após a presidente Dilma ser afastada de seu cargo por conta de um processo de impeachment, tendo então o seu vice-presidente Michel Temer no cargo. PREVIDELLI et al. também diz que:

O país passou a reverter progressivamente as tendências anteriores de aproximação crescente com a China, e uma perspectiva multipolar, para um retorno à posição de país satélite dos EUA, em posição capaz de questionar os pontos mais baixos de subserviência e vassalagem política internacional. Tal mudança pode ser observada tanto nos documentos diplomáticos entre o país e as duas potências quanto pelos acordos comerciais. (PREVIDELLI, 2020, p. 3).

Dessa forma, pode-se concluir que o ano de 2016 é marcado pela regressão da relação com a China, onde ao mesmo tempo foi tomado um meio de fortalecer suas relações com os EUA novamente, mesmo que isso implique em certa submissão de forma espontânea aos interesses do outro país.

E então, no ano de 2019, o atual presidente Jair Bolsonaro toma posse de seu cargo, seguindo o processo de regressão com a parceria comercial com a China, onde declarou que deixaria de participar do BRICS em que, de acordo com PREVIDELLI et al. (2020), a mesma afetou instantaneamente nos acordos com os chineses. Outro caso que foi cogitado pelo mesmo foi a saída do país do MERCOSUL, algo que PREVIDELLI et al. diz que: “o Brasil perderia o acesso aos mercados da União Europeia, já que tal acesso se baseia nos acordos firmados entre a União Europeia e o MERCOSUL”. (PREVIDELLI et al. 2020, p. 3). Onde, seguindo esta linha de raciocínio, diminuiria sua conexão com vários países, algo que consequentemente impactaria na economia nacional.

Desde 2016, o Brasil tem perdido mercados, volume, espaço de atuação, diversidade tecnológica e mesmo a complexidade em sua divisão interna do trabalho, orientada ao comércio exterior. A construção estrutural de um país capaz de oferecer seus recursos naturais e produtos primários, não a preços deteriorados pelo câmbio ou pelo mercado financeiro internacional, mas em troca de investimentos em infraestrutura e aprendizado tecnológico (no qual o investimento em educação se torna estratégico) foi, como pode se observar nos dados de seu comércio internacional, minada e destruída à inviabilidade crônica, trazendo o Brasil de volta rapidamente à condição de mero exportador de produtos primários. (PREVIDELLI et al. 2020, p. 4)

Assim sendo firmado a este ponto de vista, a percepção de que o relacionamento comercial brasileiro com os demais países tinha não como objetivo apenas a importação e exportação de bens e serviços, porém a proposta de uma ideologia em que o desenvolvimento poderia ser apresentado como uma visão de crescimento interno, se torna inviabilizada pelas propostas dos últimos governos nos últimos anos.

Do mesmo modo que há uma relação tão firme entre Brasil e China, não se pode deixar de citar a Rússia como uma relação considerável, isso por que não existe de forma recente ou foi iniciada com após o desenvolvimento do BRICS, já que sua parceria está próxima a alcançar um período de 200 anos, como também no ano de 2002 obteve o patamar de “Parceria Estratégica”. Portanto, a Rússia se encontra na posição de maior parceiro comercial do Leste Europeu e, uma vez estabelecidas uma meta de US \$10 bilhões em trocas comerciais, conseqüentemente, proporciona facilitação de comércio e maior índice de investimentos entre ambos, segundo LOURENÇO (2019).

Mediante o exposto obtido acima, é perceptível a grande influência da China, onde a mesma lidera as relações comerciais com o Brasil, segundo LOURENÇO (2019):

As trocas comerciais do Brasil com os demais membros do BRICS seguiram movimento de ascensão, chegando a um total de US \$100 bilhões em 2013, com queda em 2014 a 2017 e novo ápice em 2018, na casa dos US \$115 bilhões, com balança superavitária. (LOURENÇO. 2019, p. 17).

Assim, pode-se compreender que, mesmo o Brasil possuindo uma possível ascensão comercial com os membros do BRICS, a China ainda permeia uma forte influência pelo comparado aos outros países participantes.

Em vista disso, é compreensível que, mesmo o Brasil obtendo de tantas conexões com demais países através de blocos econômicos, em que, como exemplo, alguns citados acima, há um presente otimismo em que, mesmo desconsiderando a dependência comercial com a China por um breve momento, existam vínculos que podem proporcionar um desenvolvimento econômico e ao mesmo tempo tirar a dependência existente da mesma que pode ser considerado prejudicial à economia nacional até o período de 2019. Contudo, ao final do mesmo ano, haveria de existir um novo empecilho que iria não só dificultar toda uma relação, como a economia mundial, o COVID-19.

4. AS MUDANÇAS CAUSADAS PELA PANDEMIA

De certo, é inquestionável a influência que o COVID-19 teve e tem ao redor do mundo, uma vez que ao início de seu desenvolvimento foi considerada uma doença simples que poderia ser tratada de maneira simples e rápida como alguma outra má enfermidade existente.

Em suma, no final de 2019, a OMS (Organização Mundial da Saúde) foi notificada de casos de pneumonia na cidade de Wuhan, na Província de Hubei, na China. Após uma semana, ao dia sete de janeiro de 2020, os chineses confirmaram um novo tipo de Coronavírus, que no início foi nomeado de 2019-NCOV, mas, em 11 de fevereiro de 2020, recebeu o nome de SARS-COV-2, e esse novo Coronavírus é o causador da COVID-19, tendo como principal sintoma a síndrome respiratória aguda grave.

Na primeira quinzena de março de 2020, a COVID-19 foi declarada pela OMS como uma pandemia. E uma das atitudes adotadas para frear a disseminação da doença, foi o fechamento das fronteiras e a suspensão da aquisição de produtos oriundos de outros países, visto que uma das formas de contágio era o contato com superfícies contaminadas. HISTER E WERLANG (2021) também diz que:

A resposta ao seu impacto – diante da inexistência de uma vacina que evitasse o contágio – foi traduzida pelo isolamento social, que promoveu consequências ao sistema econômico, iniciando pela diminuição no consumo e produção de bens e serviços a nível mundial (Junior e Rita, 2020 apud Hister e Werlang, 2021).

4.1 Impacto causado na Economia Nacional.

Assim, com a chegada da pandemia no solo brasileiro, foi desconstruída toda uma ideologia sobre a economia nacional. De acordo com HISTER E WERLANG (2021), o Brasil, no período de 2019, era visto a se reerguer nos anos seguintes da recessão econômica que estava vivendo, onde haviam vários resultados positivos, tendo em vista que a situação passada entre 2016 à 2019 como citado anteriormente.

No entanto, ao observarmos o impacto causado pela pandemia neste cenário, inicialmente é necessário entender que existem dois cenários a serem considerados, eles são: pré-pandemia e durante a pandemia. Pois, se faz necessário entender toda a escala até chegar onde o país se encontra atualmente.

Em resumo, foi apresentado anteriormente toda a situação pré-pandêmico, em que o Brasil teve o auge de seu momento entre os países subdesenvolvidos obtendo ótimos índices de 2003 à 2015 com suas parcerias comerciais, porém de 2016 em diante o mesmo se encontrou numa regressão econômica.

Posteriormente, os países se deparam com o inevitável curso tomado pela pandemia, onde se viram obrigados a fechar suas fronteiras e tomar medidas restritivas para evitar a propagação da doença, como uma das formas foi citado isolamento social, que conseqüentemente afetou o nível das produções e por conta da diminuição da demanda por produtos (HISTER E WERLANG, 2021). No entanto, vale ressaltar que, mesmo diante das mudanças abruptas ocorridas na oferta e demanda, foi observado que a taxa de câmbio favorece o crescimento das

exportações brasileiras neste cenário, onde a depreciação da moeda nacional garantiu um preço abaixo da margem no exterior, permitindo ganhos sobre produtos sem cadeias produtivas, como insumos.

4.2 Resultado dos Índices Comerciais.

Entretanto, mesmo com uma baixa na moeda nacional, não foi possível intensificar o incentivo comercial ao exterior. Inclusive, numa pesquisa apresentada por HISTER E WERLANG (2021), onde foi possível comparar índices comerciais brasileiros entre os anos de 2019 e 2020 aos meses de janeiro a agosto, que mostra a variação percentual as exportações, diante disso, foi observado que, neste período estudado, apenas ao final do primeiro trimestre de 2020 que o Brasil teve índice positivo com uma variação 5,3%, finalizando o quadro em uma variação total de -7%. De certo, foi observado que, dentre os itens mais exportados nesse tempo, ressaltasse principalmente a soja, açúcar e a carne bovina como os produtos de maior destaque, tanto que não só estabilizaram como foram superiores aos índices de 2019.

Contudo, neste mesmo estudo foi destacado que dentre as exportações feitas durante a pandemia a China foi o país que mais importou dos produtos brasileiros, tendo um índice superior de 14,04% ao ano de 2019. Enquanto que as exportações realizadas para os Estados Unidos sofreram um declínio de -32,35%.

Portanto, é perceptível que, mesmo durante um período pandêmico tão notável, o Brasil ainda conseguiu manter suas exportações de forma gradativa, e mesmo tendo uma dependência comercial com a China, o mesmo ainda conseguiu obter índices positivos por conta de sua taxa cambial e proveito de produtos com baixa cadeia produtiva. Porém, ainda iria de seguir um período pós-pandemia onde pode desenvolver esta relação que até então se encontra tão firme.

5. DISCUSSÃO

5.1 O cenário da Exportação para a China

O período pós-pandemia é marcado de agosto de 2020 até janeiro de 2021, pelo retorno das atividades econômicas. Independentemente do estado de pandemia encontrado no país, a área da exportação mostrou um crescimento significativo, com

alta em alguns países, por exemplo a China, de acordo com HISTER EWERLANG (2021), que apresentou um acréscimo de 14,04%, na absorção de produtos, se tornando o país que mais exportou insumos brasileiros durante a pandemia.

Em 2021, a equipe do governo Bolsonaro tem a proposta de promover a retomada das atividades econômicas, combatendo assim à má alocação de seus recursos, pretendendo assim promover a abertura econômica, a aprovação do Projeto de Lei do saneamento básico, promover também a redução do desemprego e pobreza do país e o fortalecimento da economia (MINISTÉRIO DA ECONOMIA, 2020a. apud SILVA; SILVA, 2020).

5.2 O Futuro Econômico do País.

Inicialmente, havia algumas previsões onde as previsões do futuro econômico do país são de recuperação econômica somente a partir de 2021, e que os sinais de uma recuperação e possível retomada mais forte se daria somente na segunda parte de 2021. Pode-se esperar um crescimento entre 3,5% a 5% para o PIB do Brasil em 2021. (HISTER; WERLANG. 2020, p. 11).

Entretanto, ao final do período esperado o PIB nacional teve seu resultado dentro dos parâmetros previstos de 4,6% de acordo com o IBGE (2022). Mesmo com o aumento do PIB nacional, houve como causa da pandemia um crescimento na informalidade trabalhista, que por conta da baixa no índice empregatício proporcionou uma falta de renda familiar, aumentando as desigualdades sociais presentes.

Conforme o desenvolver da pandemia, uma das formas de tentar evitar um colapso econômico brasileiro, o Governo Federal investiu capital direto na economia em forma de auxílios, diminuindo o impacto nas rendas familiares que, como exemplo, pode-se citar o auxílio emergencial, que foi criado através de uma Medida Provisória nº 1.039 de 2020 que visava ajudar a população mais afetada pela pandemia e o fechamento do comércio. Porém, tal forma não conseguiu reduzir o impacto da forma esperada, onde HISTER E WERLANG (2021), não só aborda a questão de que o Governo deveria ter agido de forma mais imediata, estimulando por meio do Banco Central financiamentos com taxas reduzidas a pessoas físicas e jurídicas, como também discute sobre o crescimento interno do país e da recuperação após a pandemia, o Brasil deve prezar por suas reformas estruturais, para atrair novos investidores e fortalecer se no mercado externo.

5.3 A Alternativa para o Comércio Exterior Brasileiro.

Com isso, há uma relevância em que o Governo precisaria incentivar o Comércio Exterior Brasileiro, apoiando de forma intensa o segmento para poder proporcionar um impulso nas exportações, alcançando novos patamares (DWERCK. 2020 apud HISTER; WERLANG. 2020, p. 12).

No entanto, como uma das formas para aumentar os índices de exportações foi a diversificação do portfólio de produtos nacionais, que como comentado anteriormente no período de 2020, visto que, houve um grande foco em produtos agrícolas e com a menor cadeia produtiva possível, como a soja. Porém, nesta nova etapa há um foco em ingressar novamente produtos com mais etapas na cadeia de produção, de forma a agregar maior valor aos produtos exportados, logo aumentando a participação de diversos setores na economia nacional e enfraquecendo a dependência apenas no setor de agronegócio, HISTER E WERLANG (2021).

Visto que, de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), identificou que, ao final de 2021, o Brasil teve um grande desenvolvimento de seus produtos agrícolas, causado principalmente pela importação dos produtos brasileiros pela China, onde obteve um aumento de 44% de suas negociações, alcançando a marca de US \$125 bilhões nos três primeiros trimestres do ano, o que prova que, mesmo durante o período de pandemia, com vários países cortando ou diminuindo suas relações com outros países e principalmente com a China, conseqüentemente colaborou com esta relação bilateral que se estende a vários anos, onde, não só fortaleceu, como intensificou a parceria comercial. Houve uma grande demanda por commodities, o IPEA também identificou dentre os principais produtos destacados além da soja, vale salientar também o algodão e o minério de ferro, tendo em vista que, no mesmo período de 2020, os produtos de maior ressalva após a soja foram o açúcar e a carne bovina. Durante a mesma pesquisa, foi apresentado que houve um declínio no setor de infraestrutura, por conta da crise imobiliária chinesa, onde obteve uma queda de 60% ao final da época, porém é algo a ser enfrentado no decorrer de 2022 por ambos os países.

Deste modo, é importante observar que o Brasil durante este momento pós pandêmico: encontrou de formas internas para reduzir impactos econômicos, como programas sociais, investiu em setores comerciais de menor investimento de forma

que não houvesse grande impacto em suas exportações, ao mesmo tempo que se aproveitando de sua desvalorização da moeda nacional e a baixa taxa cambial, obtendo crescentes negociações por commodities que mesmo assim não enfraqueceu sua relação com a China e sim ampliando-a.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, após a apresentação de todo o material acima, o presente trabalho teve como propósito abordar a exportação brasileira, com foco em suas relações internacionais e quais os impactos causados durante a pandemia Covid 19 (SARS-CoV-2), em que, no primeiro momento, foi abordado sobre a importação que é o ato de compras internacionais realizada de um país, podendo ser por pessoas físicas ou jurídicas. Enquanto que, na exportação, é visto como um ato de aumentar a economia nacional vendendo bens e serviços nos mercados internacionais e assim aumentando o seu PIB nacional.

Seguido, em um segundo momento, foi observado mais a fundo a exportação, entendendo que, nenhum país é autossuficiente, e que, pelo motivo de ter algumas necessidades, o país pode não conseguir produzir por: questões climáticas, falta de ferramentas ou até por falta de capital logo, por consequência disso, é obtido uma demanda por produtos em outras regiões, que por resultado disso desenvolve uma relação entre países com objetivo de proporcionar uma melhoria não só comercial como econômica.

Então, ao decorrer de um estudo sobre a importância da exportação, foi salientado o valor do mesmo para o Brasil, que se demonstra um país tão forte dentre a América do Sul e como as relações podem influenciar no comércio exterior dentre de cada nação, como exemplo, foi notado a relevância de blocos econômicos para potencializar essas parcerias, que em alguns momentos podem transformar os objetivos de forma vantajosas para ambos onde passam a ser não só comerciais como educacionais ou políticas.

Logo, com a chegada do COVID-19 originário da China, muitos países interviram de meios para diminuir a sua propagação, contudo foi perceptível a falta de autosuficiência territorial e, que isso pode ocorrer por vários fatores, sejam eles climáticos, econômicos ou sociais. Por seguinte, foi apresentada, em três partes, as formas em que o Governo brasileiro lidou com a doença e quais as táticas desenvolvidas pelo mesmo, onde foi utilizado de programas sociais e taxas econômicas com o objetivo de não só diminuir os impactos causados, como o de

reduzir os custos nas produções de seus materiais, conseqüentemente atraindo os demais países ao investimento de suas relações comerciais.

Mediante o exposto, durante todo o projeto, ressaltou a colaboração econômica presente entre BRASIL-CHINA que existe há décadas, destacando o crescimento desenvolvido durante todo o mandato do PT, enquanto havia o retardo da dependência existente com os Estados Unidos. De forma que, foi explorado uma possível nova dependência econômica com a China, visto que, com o passar dos anos, a mesma foi reduzindo o nível de suas importações, enquanto que aumentava as exportações para o Brasil. Porém, com o surto do COVID-19, foi apresentado que uma das formas proporcionou que o Brasil enfrentasse suas dificuldades na época de 2020, período que a doença se destaca pelo alto índice de mortalidade, e não havia forma de tratamento acessível para todos, enquanto que todas as parcerias estavam em declínio com o Brasil, a China prosperava ainda mais sua conexão, ou seja, a doença não abalou e sim fortaleceu o vínculo existente.

Por fim, de acordo com todo o referencial teórico utilizado como base, conclui-se de que modo tão firme que é a relação entre ambos os países, há de fato a prosperidade que o Brasil apoie ainda mais a China, que atualmente é vista como uma potência mundial apta a assumir o lugar dos Estados Unidos nos próximos anos, e que o Brasil fortalecendo desse vínculo, como fez até o presente momento, tem apenas a crescer e reerguer-se de sua crise enfrentada ao final da década passada, reestruturando-se após todo o final deste período pandêmico.

7. REFERÊNCIAS

ARBACHE, Jorge. **The Siren's Song: A Study of the Economic Relationship between Brazil and China**. Development Bank of Latin America – CAF, 2012.

FLEURY, P. F. **A infra-estrutura e os desafios logísticos das exportações brasileiras**, 2005. Acesso em: 22 de fevereiro de 2007.

GOV.BR - GOVERNO DO BRASIL / ECONOMIA. **PIB cresce 4,6% em 2021 e supera perda provocada em 2020 pelos efeitos da Covid-19**. Agência Brasil. In site, 2022.

HISTER, Camila; WERLANG, Natália Berger. **Os Impactos Comerciais de uma Pandemia: O Covid-19 e sua Interferência sobre Índices Exportadores**. Centro Universitário FAI - UCEFF Itapiranga – Santa Catarina – Brasil, 2021

IPEA (INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA). **Comércio bilateral Brasil-China cresce 44% e alcança US\$ 125 bilhões em negociações**. SP – BRASIL, 2021.

IPEA (INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA). **Comércio exterior, política comercial e investimentos estrangeiros: considerações preliminares sobre os impactos da crise do Covid-19**. SP – BRASIL, 2021.

LOPEZ, José Manoel. GAMA, Marilza. **Comércio Exterior Competitivo**. Aduaneiras, 4ª edição, 2010.

LOURENÇO, Rafael Alves. **Relações comerciais entre Brasil e demais membros do BRICS: necessidade de otimização das relações e de mitigação da dependência do mercado chinês**. 2019. [29] f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Relações Internacionais) — Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

MELO, Andreson Fernandes; SANTOS, Deborah Zanon; BARROS, Josimar Siqueira. **Gestão de Processos de Importação E Exportação Processos de Compras Internacionais em Tempos de Pandemia - Covid-19: Um Estudo sobre a Importação de Máscara N95 numa Empresa de Importação na Cidade de São Paulo**. XII FATECLOG - GESTÃO DA CADEIA DE SUPRIMENTOS NO AGRONEGÓCIO: DESAFIOS E OPORTUNIDADES NO CONTEXTO ATUAL. FATEC - MOGI DAS CRUZES /SP - BRASIL, 2021

PREVIDELLI, M. F. S. C.; SOUZA, L. E. S.; NUNES, R. F. S. **A Inserção Internacional do Brasil no Início do Século XXI: uma Perspectiva Estratégica das Relações Comerciais.** Economia e Políticas Públicas, v. 8, n. 2/2020

SABOIA, Juliana. OLIVEIRA, Vinicius. LOPES, Lourdes. KIN, Leonardo. **O impacto da pandemia nas exportações de mercadorias.** ANAIS DA XIV MOSTRA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DO CESUCA - RS, 2020

SEGRE, GERMAN. **Manual Prático de Comércio Exterior.** 3ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

SOUZA, C. L. G. **A Teoria Geral do Comércio Exterior.** 1. ed. Belo Horizonte: Líder, 2003 em fatecbr.websiteseuro.com/revista/index.php/RTecFatecAM/article/view

SOUZA, Gabriela Maia. **Relações Comerciais e Investimentos No Brasil: Considerações sobre as Operações Portuárias Durante e Pós-pandemia.** RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR - ISSN 2675-6218. 2022

SOUZA, José Meireles. **Política Comercial Externa.** Editora SENAC - São Paulo, 2021